

## Resenha bibliográfica I

### Celso Furtado: Economia

*Celso Furtado: Economia*. Coletânea organizada por Francisco de Oliveira. São Paulo, Ática, 1983. 224 p.

ROY GILBERT \*

O livro compõe-se de textos de Celso Furtado, na maior parte já publicados, selecionados por Francisco de Oliveira, que teve o cuidado de incluir aqueles que permitissem ao leitor acompanhar a evolução do pensamento de Furtado em relação à sua principal contribuição, ou seja, a questão do subdesenvolvimento. Estão incluídos, nesta antologia, extratos de alguns trabalhos de interpretação histórica como o próprio *Formação econômica do Brasil* (1959) e também *Teoria e política do desenvolvimento econômico* (1967) e *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (1966), representativos da sua análise teórica mais formal. Por outro lado, suas propostas de política econômica encontram-se expressas nos extratos de *A operação Nordeste* (1960) e *Um projeto para o Brasil* (1968), enquanto a posição ideológica do autor destaca-se na reprodução dos dois primeiros capítulos de *A pré-revolução brasileira* (1962). Merece menção especial a inclusão, como primeiro capítulo deste livro, de um ensaio autobiográfico de Furtado, algo que contribui muito mais para entender o contexto do trabalho do autor que as habituais notas bibliográficas parcimoniosas. Não se pode atribuir, porém, a mesma felicidade à inclusão, no livro, de um dos textos de Furtado sobre filosofia, um capítulo que é mais uma demonstra-

\* Consultor internacional em Economia e Planejamento, tendo no Brasil trabalhado para diversos organismos internacionais.

ção de sua destreza intelectual do que uma contribuição ao entendimento da questão do desenvolvimento.

Mesmo sem considerar Furtado como o “demiurgo” do Brasil, como o denomina Francisco de Oliveira, a importância e a influência de sua obra fazem desta resenha uma tarefa difícil. Não seria adequado e nem haveria espaço suficiente aqui para elaborar um catálogo de alguns dos pontos positivos e negativos de uma obra que, ao longo de três décadas, se incorporou ao “senso comum” de uma geração de estudiosos da questão do desenvolvimento. Melhor seria, passados 25 anos da publicação de sua obra-prima *Formação econômica do Brasil*, tentar apreciar a contribuição deste trabalho profuso de Furtado sobre a compreensão do processo de desenvolvimento sob a ótica dos anos 80. A publicação desta coletânea, que reúne alguns dos mais importantes textos de Furtado, por oferecer uma perspectiva de sua obra como um todo, nos dá exatamente essa oportunidade de apreciação. Reunidos no mesmo tomo, permitem ao leitor ver num só livro a abrangência da obra furtadiana e observar o caminho por ele percorrido para chegar às suas teses mais conhecidas. É justamente nessa justaposição de diversas obras, fontes das idéias elaboradas por tão influente pensador, que reside o valor principal deste livro.

Este valor fica ainda mais reforçado pela perspicaz introdução escrita por Francisco de Oliveira, especificamente para apresentar os textos selecionados. Evitando conscientemente um elogio insensato, a Introdução resume sinteticamente a obra de Furtado e comenta criticamente o conteúdo específico da coletânea, preparando, assim, o terreno para uma leitura proveitosa do livro. Provavelmente, o mais importante nas notas introdutórias é o fato de chamar a atenção do leitor para o caráter ideológico do trabalho de Furtado. Como espinha dorsal de toda a sua obra, nota-se, por exemplo, a sua ânsia de ir além do esforço puramente analítico para produzir propostas de ação com a finalidade de estimular o desenvolvimento. É nestas propostas de política econômica que se pode conhecer mais facilmente a existência deste impulso ideológico e, ao mesmo tempo, caracterizar a sua própria natureza.

Embora explicitamente rejeitando fórmulas marxistas para tal ação (ver, especialmente, *A pré-revolução brasileira*), é notável a

dívida intelectual de Furtado para com Marx, algo confirmado pela leitura do referido capítulo autobiográfico, publicado em português pela primeira vez neste livro. Esta influência traduz-se não só na "historicidade" da análise furtadiana, como também na própria ânsia de querer elaborar um verdadeiro projeto social alternativo. Ao frisar a importância da situação histórica específica que condiciona o potencial de cada país a se desenvolver, o trabalho de Furtado contribuiu muito para a reformulação do próprio conceito de subdesenvolvimento, mostrando que este era muito mais que uma mera etapa para os países pobres superarem, da mesma forma como fizeram no passado os países hoje industrializados.

No que se refere às propostas para ação, algumas das mais concretas na obra de Furtado referem-se ao problema do subdesenvolvimento do Nordeste do Brasil. Segundo o seu *A operação Nordeste*, encontrar-se-ia uma solução para o problema através da industrialização, através do rompimento da arcaica estrutura agrícola baseada em latifúndios improdutivos e através da abertura de novas fronteiras agrícolas. Por que este trio de propostas e não outro? Não se encontra explicação teórica em Furtado; e cada vez se torna mais difícil explicitar tal teoria, uma vez que esses itens já fazem parte hoje da sabedoria convencional dos responsáveis pela elaboração de políticas para a região. Como atestado de sua influência, tem-se visto a colocação em prática de algumas das suas idéias, graças ao impulso dado pela SUDENE, órgão cujo padrinho intelectual era o próprio Furtado. Apesar da implantação de programas de industrialização no Nordeste, continua o atraso absoluto e relativo da região.

A pouca eficácia de medidas deste tipo foi e continua sendo objeto de pesquisa, e não caberia aqui uma revisão das explicações encontradas. Por outro lado, pode-se permitir a observação de que, na análise regional de Furtado, falta ênfase à especialização econômica regional, não existindo, por isso, uma clara definição do papel da região dentro da economia nacional. Se este papel poderia ser cumprido sem que uma determinada região se desenvolvesse, como a experiência nos ensina que pode acontecer, seria importante encontrar uma explicação para o fenômeno da estagnação regional face à dinâmica do crescimento nacional. Ao invés de destacar as relações inter-regionais, o enfoque furtadiano encontra as causas, quer dizer,

os obstáculos estruturais, dentro da própria região. Esta visão parcial, provavelmente produto da pressa de querer formular medidas práticas, é reflexo da limitada contribuição da obra de Furtado à teoria do desenvolvimento regional.

Contudo, o ponto realmente central do pensamento de Furtado é a sua análise do subdesenvolvimento ao nível da economia nacional. Segundo a teoria “dual-estruturalista”, existiriam numa economia subdesenvolvida dois setores básicos: o primeiro é um núcleo onde já penetrou a forma capitalista de produção, denominado de setor “avançado”; e o segundo, composto de um subsistema pré-capitalista que cobre o resto da economia, é chamado de “atrasado”. Para que o desenvolvimento possa ocorrer, seria necessário, segundo Furtado, superar uma série de “obstáculos estruturais” que impedem a absorção do setor atrasado pelo avançado.<sup>1</sup>

Como um exemplo de “obstáculo estrutural”, Furtado menciona freqüentemente a concentração de renda. Por estimular o consumo de produtos de luxo, supostamente produzidos com alto coeficiente de capital por unidade de mão-de-obra, a concentração de renda orienta investimentos para os setores cujos processos são intensivos em capital. Assim, o efeito da concentração de renda seria parecido com o da introdução de tecnologias poupadoras de mão-de-obra em países onde existe um excedente estrutural deste fator.<sup>2</sup> Desta forma, a exclusão da maioria da população implicaria que os investimentos feitos tenderiam a reforçar o processo do subdesenvolvimento.

A superação de um obstáculo estrutural deste tipo – e deve-se supor que os instrumentos furtadianos para esta finalidade são essencialmente políticos – permitiria que o investimento, como motor do desenvolvimento, fosse canalizado para as atividades que levariam não só a uma maior produção, mas também a uma maior *disponibilidade* de bens e serviços. Neste processo, o tradicional multiplicador

<sup>1</sup> Deve-se reconhecer também as contribuições de outros autores ao enfoque estruturalista, como, por exemplo, do economista chileno Osvaldo Sunkel.

<sup>2</sup> A relação direta entre a elasticidade-renda do consumo de um produto e o coeficiente de capital de sua produção tem sido cada vez mais questionada, mas faz parte da premissa básica do trabalho de Furtado.

keynesiano desempenha um papel fundamental no modelo furtadiano, embora a novidade do enfoque encontre-se no conceito dos condicionantes estruturais. Furtado vai além de Keynes, porém, ao frisar, na sua teoria, a importância da mudança tecnológica, tratando as inovações nesta área como “a fonte do desenvolvimento”. A simples transferência de tecnologias modernas e intensivas em capital, proposta de origem neoclássica, é rejeitada por Furtado, dado o risco de agravar a “heterogeneidade estrutural” (conforme o efeito descrito no parágrafo anterior). Por esta razão, Furtado chama atenção para a importância da assimilação e adaptação destas tecnologias pelos países receptores como requisitos de seu desenvolvimento; evitar-se-ia, desta forma, as teses rejeicionistas dos defensores de uma tecnologia “apropriada” como a única saída. É no tratamento realista e pouco utópico desta questão da tecnologia que se pode encontrar muitas idéias na obra de Furtado relevantes para o debate deste assunto na década de 80.

Por outro lado, o que Francisco de Oliveira critica no enfoque dual-estruturalista de Furtado é a falta de explicitação das articulações entre os dois setores da economia. No modelo marxista, por exemplo, estas se caracterizariam pela exploração do setor atrasado pelo avançado. Uma leitura detida deste livro revela, porém, que no modelo de análise de Furtado cada setor é um sistema aberto onde a transferência de mão-de-obra entre os dois é fator dinâmico no seu relacionamento. A mencionada transferência é, principalmente, resultado do “excedente estrutural” de mão-de-obra no setor atrasado, que, por sua vez, leva à oferta elástica deste fator ao setor avançado, sem, obviamente, aumentar o nível salarial deste. Embora usando linguagem diferente, a semelhança deste conceito furtadiano com o do exército de reserva de Marx não é mera coincidência.

No plano empírico, por outro lado, existem duas limitações na aplicação do modelo dual-estruturalista. A primeira refere-se à ausência de critérios explícitos para identificar na prática os obstáculos estruturais e, assim, evitar confundí-los com meras aberrações conjunturais. É verdade que Furtado nos apresenta uma série de exemplos de tais obstáculos, como a já mencionada concentração de renda e também a estrutura agrícola e até a inflação. Disto se pode extrair a dedução óbvia de que um fator estrutural tem algo

de constante que uma condição conjuntural não teria, mas o autor não ajuda a esclarecer onde fica a fronteira conceitual entre os dois. Esta nem sempre fica clara, como no caso da inflação, que, embora sendo reconhecida como estrutural, continua sofrendo altos e baixos conjunturais. Esta ambigüidade, além de dar lugar a debates às vezes estéreis e pouco produtivos, limita severamente a aplicabilidade do enfoque. Na política econômica, seria imprescindível saber se se trata de um fator estrutural ou não, devido à capacidade deste para obstaculizar o desenvolvimento, característica não atribuída pelo modelo furtadiano a um condicionante conjuntural. A segunda limitação, supondo que se supere a primeira, é a falta de especificação de instrumentos para superar os obstáculos estruturais identificados. No seu entusiasmo para visualizar uma situação pós-obstáculo, Furtado não explica quais seriam os meios para chegar a esta utopia. A ausência de instrumentos de política, como Francisco de Oliveira nos indica, é especialmente notável em *Um projeto para o Brasil*, reproduzido neste livro.

Como já se mencionou, a obra de Furtado tem uma carga ideológica bastante forte, cuja expressão mais explícita encontra-se no seu *A pré-revolução brasileira*. A rejeição do caminho da revolução como meio de conseguir as mudanças estruturais desejadas dá lugar, no esquema furtadiano, à intervenção do governo através do planejamento, considerado por Furtado como uma técnica científica e, portanto, neutra em relação aos diversos interesses econômicos dentro de uma sociedade. Este não reconhecimento da ideologia do próprio planejamento deixa um importante vácuo na obra de Furtado e levanta muitas questões. Qual é a finalidade do planejamento? Quem são os planejadores? Para quem e por quem eles atuam? Estas são algumas das perguntas que o estudioso desta obra deveria ter sempre em mente durante a sua leitura.

Mesmo sem responder a todas as perguntas, o leitor poderia tirar algumas conclusões sobre a importância atribuída à atuação do Estado, através dos planejadores, em determinar a direção tomada por uma economia. Este seria especialmente o caso da economia brasileira, pela dimensão do seu setor público e pelos controles por ele exercidos sobre o resto da economia. A elegante análise de Furtado a respeito da política cambial é um eloqüente testemunho do

seu raciocínio sobre esta influência. Neste sentido, ele tem razão ao colocar a responsabilidade da formulação de políticas de desenvolvimento dentro do âmbito do Estado. Por que culpam, pergunta Furtado, os empresários pelas conseqüências de decisões que poderiam realmente aprofundar o subdesenvolvimento, mas que representam nada mais do que uma resposta racional e lógica a dadas condições? Mesmo sem esclarecer o que seria exatamente este planejamento pelo Estado, Furtado aponta às instâncias públicas a função de alterar estas condições para que as decisões empresariais sejam compatíveis com o desenvolvimento de uma nação.

Em última análise, o desenvolvimento é o objetivo final desejado para as economias na obra de Furtado. Esta coletânea, reunindo diversas referências em contextos diferentes, é especialmente valiosa por permitir uma apreciação da abrangência do conceito furtadiano de desenvolvimento. Uma certa variação no uso deste conceito seria de alguma forma inevitável num autor tão prolífico, durante tanto tempo. Assim, ele fala, de um lado, do desenvolvimento como um processo de "homogeneização estrutural" e, de outro, como um simples aumento da renda *per capita*. Em termos de linguagem, o dual-estruturalismo dos anos 60 oferecia muita coisa nova como alternativa às propostas dos desacreditados defensores do simples crescimento econômico. Em termos de substância, porém, pode-se debater se a posição de Furtado representava uma alternativa tão radical. Afinal, o seu conceito mais operacional de desenvolvimento dá ênfase ao aumento da disponibilidade de bens e serviços, algo que se resume, segundo Furtado, ao crescimento da renda disponível, obedecidos critérios redistributivos mínimos. Mesmo para os que discordam de seu conceito, sua obra nos oferece um manancial de referências valiosas para alimentar o debate que hoje continua aceso sobre este tema fundamental.

